

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades

4 a 6 de agosto de 2014

Universidade Federal do Espírito Santo

GT 03 - Africanidades e Brasilidades em Direitos Humanos e Políticas Públicas

As lutas por direitos das comunidades tradicionais de terreiros pela igualdade racial no sul e sudeste do Pará

Ivan Costa Lima¹

Deyziane dos Anjos²

Raiane Mineiro Ferreira³

Resumo

Este estudo apresenta os resultados parciais dos projetos de extensão e pesquisa desenvolvidos pelo Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Relações Étnico-Raciais, Movimentos Sociais e Educação - N'UMBUNTU, que pretende subsidiar a sociedade em geral no que se refere às relações raciais, junto a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), desmembrada da Universidade do Pará (UFPA), em 2013. Os projetos têm produzido conhecimentos acerca dos processos organizativos da população negra no sul e sudeste do Pará, em especial em Marabá. Pretende-se dar visibilidade as formas sócio-políticas, pelas quais a população negra se utiliza para manter sua relação com a ancestralidade africana, e os elementos culturais que são mobilizados, e indicar como estes processos se tornam parte importante na exigência de políticas públicas. Neste caso específico, se traz as lutas travadas pelas comunidades tradicionais de terreiros, que buscam exigir do poder público local a implementação de políticas, dentre elas as de igualdade racial e da introdução de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. A partir disto, evidencia-se a organização destes terreiros de matriz africana ao instituir, com apoio acadêmico, uma campanha de valorização e participação política de seus adeptos, a exemplo das conferências de igualdade racial e de cultura, demonstrando-se a necessidade de investimentos públicos que incluam a população negra. Para isso, utiliza-se como principal instrumento metodológico uma abordagem sócio histórica com

¹ Doutor em Educação Brasileira, pela Universidade Federal do Ceará. Coordenador do N'UMBUNTU. Professor adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Email: dofonosc@gmail.com

² Graduada em Ciências Sociais, pesquisadora colaboradora. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Email: deyzedosanjos.ufpa@gmail.com

³ Graduada em Letras/Inglês. Bolsista Propesp/. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Email: raianeferreiraferreira2@gmail.com

os aportes da história oral temática, ampliando-se a partir do registro histórico, das memórias, dos relatos e lugares de mobilização, elementos que reafirmem a importância desta parte significativa da sociedade brasileira, mas que ainda enfrentam discriminações e preconceitos de toda ordem.

Palavras-chave: Negros/as no Pará; Políticas de Igualdade racial; Religiões de matriz africana; Comunidades tradicionais de terreiros.

Introdução

Este artigo discute a atuação do **Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Relações Étnico-Raciais, Movimentos Sociais e Educação - N'UMBUNTU**⁴ da Faculdade de Educação (FACED), do Campus Universitário de Marabá/PA, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, desmembrada da Universidade Federal do Pará, no ano de 2012. Programa que articula ensino, pesquisa e extensão em função da legislação educacional, como também em subsidiar educadores/as, estudantes e a sociedade em geral na região Norte, sobre às relações raciais no Brasil. O N'UMBUNTU se constitui como núcleo eletivo da FACED, ou seja, oferta a cada semestre conteúdos sobre a temática, que integram o currículo do curso de pedagogia.

O N'UMBUNTU conta em suas ações, até este momento, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão (Proex) e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PROPEP), ambas da Universidade Federal do Pará. No conjunto dos projetos, objetivamos construir conhecimentos a respeito da organização política, cultural da população negra no sul e sudeste do Pará.

O codinome N'UMBUNTU se referencia no universo civilizatório africano, cuja matriz é conhecida no Brasil como nação bantu, grupo linguístico que influenciou profundamente o jeito, a forma dos falares e práticas religiosas na sociedade brasileira. *Ubuntu* tem como sentido uma abordagem coletiva, pois

⁴ O N'UMBUNTU conta neste momento com os seguintes integrantes: Ivan Costa Lima e Gisela Villacorta Macambira, como coordenadores. Bolsistas Propesp: Jaqueline Dayane C. da Silva (Pedagogia) e Raiane Mineiro Ferreira (Letras/inglês). Bolsista Proex: Juliana Barbosa Sindeaux (Ciências Sociais). Colaboradores-pesquisadores: Deyziane dos Anjos (Ciências Sociais), Oberdan Medeiros (mestrando em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia – PDTSA/UNIFESSPA) e Luciano Laurindo dos Santos (Mestrando em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia – PDTSA/UNIFESSPA). Além de diferentes pesquisadores registrados no Diretório de Grupos do CNPq.

um de seus mais conhecidos significados é: "*Eu sou o que sou devido ao que todos nós somos*", evidenciando o universo de interdisciplinaridade preconizada pela ação educacional.

A fundamentação que norteia as ações do N'UMBUNTU baseia-se numa abordagem sócio histórica, e no debate colocado pela ação de diferentes organizações dos movimentos sociais (GOHN, 1997), dentre eles o Movimento Negro (MN). Tais movimentos buscam, entre outras questões, problematizar a ação do Estado, na perspectiva de executar políticas públicas, que levem a efetivação dos direitos sociais, a diferentes parcelas de populações excluídas destes processos.

Neste sentido, a Educação tem sido apontada como uma das grandes preocupações deste setor, no sentido de que seria considerada uma das políticas indispensáveis para a organização dos setores marginalizados, em especial a população negra brasileira (LIMA, 2009/2004).

Do ponto de vista teórico-metodológico, nos utilizamos como principal abordagem a história oral, que segundo a visão de Meihy (2002, p.13) “[...] é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social de pessoas”. A partir desta matriz inicial, os estudos complementam-se com outros referenciais, especialmente a pesquisa participante, que tem sido teorizada como conhecimento coletivo produzido a partir das condições de vida de pessoas, grupos e classes populares, como tentativa de avançar, a partir da ciência do conhecimento tradicional (BRANDÃO, 1999).

Ao mesmo tempo, o **N'UMBUTU** deve dar consequência às determinações legais, entre elas a lei 10639/2003, que altera a LDB para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Da mesma forma, implementar as determinações do Conselho Nacional de Educação (CNE) 003/2004, no que se refere às diretrizes curriculares nacionais para a Educação das relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2006). Todos estes dispositivos legais, e as reivindicações do Movimento Negro, ao longo do século XX, apontam o papel

que a universidade deve assumir como impulsionadora de uma nova postura diante desses temas.

Assim, a partir de uma *práxis* educativa, que contempla um movimento de reflexão/ação/reflexão comprometemo-nos em produzir conhecimento, com especial atenção, neste texto, com a participação política fomentada pelos terreiros de religião de matriz africana, consideradas como comunidades tradicionais. Nesse sentido, apontamos a partir de Certeau (2000), que os saberes tradicionais se configuram nos processos cotidianos de pessoas comuns, que, portanto, são construtores da história. Para os sujeitos afro religiosos, a continuidade das tradições opera através da oralidade e símbolos, onde a identidade se forma a todo instante e constrói-se conforme as forças do local e, a interferência das tradições vão sendo “reconstruídas” dentro das comunidades, a partir de suas referências e práticas ancestrais.

Assim, o conceito de cultura tradicional está diretamente ligado às culturas distintas, de outras noções de território e espaço onde o grupo social se relaciona. A partir disto, que consideramos de fundamental importância, indicar a organização das religiões de matriz africana, que com sua participação constroem um espaço de atuação política na cidade de Marabá.

N’UMBUNTU em ação: pesquisa, extensão e terreiros em Marabá/PA

A história recente da Amazônia Oriental brasileira é marcada pelas contradições inerentes às políticas oficiais de ocupação da região, na segunda metade do século XX. Essas novas frentes migratórias para o sudeste do Pará em parte foram motivadas pelo projeto de “integração do desenvolvimento do Nordeste com a estratégia de ocupação da Amazônia”, o qual foi um dos responsáveis pelo aparecimento de várias cidades (SILVA, 2006).

Neste contexto, Marabá cidade situada ao sul e sudeste do Pará, apresenta tal característica, com a migração em torno dos grandes projetos econômicos presente na localidade. A cidade foi marcada pela chegada de um grande contingente populacional, em especial a população negra, em busca de emprego e melhores condições de vida.

No bojo da cidade de Marabá, o N'UMBUNTU construiu diferentes estratégias, que articulam pesquisa e ação social, a partir do conjunto dos diferentes projetos, que evidenciem a presença negra na região. A primeira delas se refere ao levantamento bibliográfico sobre a temática, no acervo da biblioteca da antiga UFPA, em Marabá. O que se verificou foi uma deficiência de materiais, relacionado a história e a cultura negra na região. A partir desta constatação, montamos uma biblioteca com livros vinculados a esta área de conhecimento, no espaço ocupado pelo N'UMBUNTU, a partir do acervo próprio dos coordenadores e de trocas com os convidados das diferentes ações realizadas. Também, criamos o *blogger* do N'UMBUNTU⁵ e uma conta na rede social (*facebook*), para disseminar em meios às novas tecnologias, os conhecimentos e saberes da população negra paraense.

Como parte de sua ação pública e sua consolidação na academia, realizamos uma atividade de lançamento do N'UMBUNTU, que no processo organizativo contou com a participação de estudantes e membros da comunidade local. A principal atividade, neste momento, foi denominada de “N'UMBUNTU em ação: Arte, Cultura e Saberes Afro-brasileiros na Amazônia”, em maio de 2012, através de ações como: exposição fotográfica, minicurso, ciclo de cultura e apresentações culturais.

Destas modalidades, soubemos da existência das religiões de matriz africana na cidade, a partir da exposição fotográfica organizada por Deyze dos Anjos, naquele momento, estudante do curso de Ciências Sociais. A mostra retratava o cotidiano de diferentes terreiros em Marabá, como parte da pesquisa de conclusão de curso da expositora, cujo objetivo era, justamente, mapear estas comunidades afro religiosas.

Foi a partir deste processo, que o N'UMBUNTU buscou dar visibilidade, dentro e fora dos espaços acadêmicos a estas práticas religiosas. Isto mostrou-se importante, na medida em que, no ciclo de cultura, pudemos contar com a participação do pai-de-santo Gê de Ogum, cuja fala reafirmou o preconceito sofrido pela religião, por conta do total desconhecimento de sua cosmovisão, e em especial, fez menção as dificuldades enfrentadas pelas crianças de terreiros, dentro do sistema escolar, debate trazido na obra de Caputo (2012).

⁵ O endereço do blog: numbuntu.blogspot.com

Da mesma forma, pai Gê apontou como importante a oportunidade em dialogar sobre este tema dentro da universidade. Aqui, portanto, inicia-se as relações de parceria com o N'UMBUNTU, que ao longo do tempo, contribui em potencializar a participação das religiões de matriz africana, em diferentes espaços de discussão.

Em novembro de 2012, em parceria com o Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais (N'BLAC), vinculado a Universidade Federal do Ceará, coordenado pela professora doutora Joselina da Silva, realizamos o 1º Encontro “Consciência Negra para Valer” e Curso Iniciativas Negras Regional: Trocando Experiências⁶. O encontro, desdobrou-se em dois momentos, o primeiro com ações junto ao bairro “Cabelo Seco”⁷, no dia 20 de novembro. O segundo momento, dentro do campus universitário, que além de reflexões teóricas e políticas sobre a população negra brasileira⁸, privilegiou estudos e reflexões sobre a cidade de Marabá. Este encontro marca a presença de maior participação das religiões de matriz africana da cidade, a partir do debate desenvolvido pela Associação Espírita e Umbandista de Marabá e Região, na figura de seu presidente Silvio do Ogum⁹, e de inúmeros integrantes de terreiros, que fizeram parte da apresentação cultural, além da reedição da exposição fotográfica, organizada por Deyze dos Anjos, ampliando o conhecimento das ações desenvolvidas por estes terreiros na cidade.

Reforça-se os laços entre o N'UMBUNTU e as religiões de matriz africana marabaense, agora tendo como principal interlocutor a Associação, e a aproximação de seus associados na organização e participação pública na cidade.

⁶ O N'BLAC é um núcleo de pesquisa que entre outras questões realiza um curso intensivo, que reúne ativistas do movimento negro objetivando tocar experiências e refletir sobre as relações raciais no Brasil, de maneira sistemática.

⁷ Este bairro apresenta um grande contingente de população negra e é considerada como o marco inicial da cidade de Marabá, no entanto, se ressentem com a ausência de políticas públicas.

⁸ Conferência de abertura com o prof. Dr. Henrique Cunha Júnior, Universidade Federal do Ceará; Mesa redonda: Profa. Mestre Jeruse Romão, Universidade Federal de Santa Catarina, presidente do Fórum de do estado de Santa Catarina. Debate com a profa. Dra. Joselina da Silva, Universidade Federal do Cariri, antiga UFC.

⁹ A Associação foi reativada em 2010, após anos de inatividade, tendo como presidente: Silvio Rosário Xavier Junior (Pai Silvio de Ogum); Vice-presidente: Ozias Gomes da Silva (Pai Ozias de Oxóssi).

Comunidades de Terreiros e as políticas públicas pela Igualdade Racial em Marabá/PA

O ano de 2013, marca o processo de consolidação do N'UMBUNTU, na articulação e parceria com as religiões de matriz africana de Marabá, tendo como foco a presença dos terreiros, em diferentes espaços políticos, em especial, a atuação da Associação Espirita e Umbandista de Marabá e Região.

O principal debate tem sido a reflexão que, na região sul e sudeste do Pará existem muitas casas religiosas de matriz africana, as quais não tem sido dada a devida visibilidade e importância por parte das instituições públicas, entre elas, parte da universidade, que como espaço de produção de conhecimento, desconsidera estas comunidades tradicionais. Discute-se a necessidade de superar o preconceito e o desconhecimento dos saberes e costumes produzidos pela população negra, a partir de seu pertencimento religioso. Na região eles são constituídos de diferentes práticas, em face ao processo migratório, e se caracterizam conforme escreve Martins (2012, p. 12)¹⁰, se referindo as tradições do Pará, como sendo em diferentes nações, assim:

As nações Angola, Jeje Savalu, Ketu, Mina Jeje, Nagô, Umbanda e Pajelança estabelecem suas próprias fronteiras sociais, marcadas por limites diferenciados dos predominantes na “nação Brasil”. Suas redes sociais articulam pertencimentos que não obedecem a limites geográficos.

É desta forma, que observamos a religiosidade negra em Marabá, efetivamente parece não haver uma separação clássica entre as duas formas mais conhecidas de religiões de matriz africana no Brasil: Umbanda e Candomblé. Os integrantes da Associação deixam evidente um entrecruzamento das formas organizativas religiosas, em função dos diferentes processos de iniciação e de vivência de cada um/uma de seus adeptos, sem preocupações de limites estabelecidos, por qualquer razão oficial destas formas religiosas.

¹⁰ MARTINS, Cynthia C. Prefácio. In: VALLE, Camila *et al.* Cartografia dos afro religiosos em Belém do Pará. Religiões afro-brasileiras e ameríndias da Amazônia: afirmando identidades na diversidade. Rio de Janeiro, Brasília: Casa 8, IPHAN, 2012.

Desta forma, para o enfrentamento da problemática anunciada, o N'UMBUNTU a partir dos contatos estabelecidos anteriormente, propõe um processo de discussão, no sentido da participação política de seus adeptos¹¹, no enfrentamento da intolerância e da invisibilidade da religião na cidade e região.

A principal ação discutida conjuntamente, para a ocupação da cena política local, foi o lançamento da campanha “Quem é de axé diz que é! Marabá 100 anos nós também construímos”. A Campanha foi proposta em função de duas grandes motivações. A primeira, como afirmação do pertencimento afro religioso, pois “Quem é de axé diz que é”, surgiu em outros estados do país, no ano de 2010, a partir da ação do Coletivo de Entidades Negras, que identificou o número muito pequeno de pessoas, que se declaravam como integrantes de religiões de matrizes africanas nos dados oficiais. Assim, objetivamos contribuir na visibilidade e na importância de declarar a religiosidade, como forma de reverenciar os ancestrais e afirmar as raízes de matriz afro, percorrendo os terreiros com uma série de materiais informativos.

A segunda motivação aconteceu em face ao desconhecimento dos órgãos públicos municipais da presença destas religiões, em vários bairros da cidade, e que se encontravam fora dos documentos produzidos, em comemoração aos 100 anos da cidade de Marabá. Era necessário afirmar nossa participação na construção e desenvolvimento da cidade, e do trabalho social e comunitário levado a cabo por diferentes terreiros nos núcleos urbanos de Marabá.

O lançamento da Campanha se deu nas dependências do campus universitário, contado com a presença de vários terreiros da cidade de Marabá, de Tucuruí e de seus adeptos. Como representante do poder público municipal contamos com o comparecimento do secretário de cultura de Marabá, Claudio Feitosa, representado a prefeitura municipal, e da Deputada Estadual

¹¹ Além da participação dos integrantes da diretoria, anotamos a contribuição dos seguintes pais e mães de santo, e seus respectivos terreiros: Mãe Francisca, Templo de Ogum e Yemanjá; Mãe Rosa, Terreiro Ogum Beira-Mar; Pai Luzivaldo, Ilê de Pai Omulu; Pai Francisco, Terreiro de Umbanda N.S. Aparecida; Pai Júnior, Tenda de Umbanda São Jorge; Mãe Fátima, Tenda de Umbanda Mãe Iansã; Mãe Leila, Tenda N. S. da Conceição.

Bernadete tem Caten¹², que afirma a importância da ação política produzida em Marabá.

Ainda, como parte integrante da Campanha, em face da necessidade de visibilidade pública, houve a realização da grandiosa festa em homenagem à Yemanjá/Oxum, que ocorreu dia 17 de Agosto, retomando uma tradição já existente em Marabá, registrada pela primeira vez em 1988, realizada pela primeira diretoria da Associação, que contou com o efetivo apoio da Prefeitura Municipal de Marabá, tendo à frente a secretaria de cultura, e demais órgãos da administração pública, que de certa forma acena para o reconhecimento da ação participativa das comunidades de terreiros.

Este conjunto de ações foi demarcada pela divulgação de uma carta aberta para a comunidade, onde se denunciava os problemas enfrentados pela população negra e, se afirmava a necessidade de políticas públicas voltadas para a este segmento, evidenciando a necessidade de constituição de uma secretaria de Igualdade Racial em Marabá, como principal instrumento de efetivação da cidadania negra.

Este exercício de participação política, assumida pelos afros religiosos de Marabá, se concretizou com a ocupação de espaços de constituição de planejamento das ações governamentais, em especial das conferências de cultura e igualdade racial, realizadas em Marabá. Chama-se atenção, a segunda, que contou com a presença do prefeito municipal de Marabá, João Salame e cinco secretários, onde, publicamente, o gestor assumiu o compromisso de efetivação de uma política de igualdade racial, conforme demandando pela carta da Campanha, onde a participação expressiva do povo de santo determinou o significativo sucesso da conferência.

Em face deste posicionamento, o povo de santo, posteriormente, através da Associação demandou a realização de uma audiência com a prefeitura, tendo como foco a efetivação da política prometida no advento da conferência. Esta política, depois de um diálogo com a administração pública, e seus problemas estruturais, se estabeleceu como compromisso a efetivação, não de uma secretaria, como pleiteava nossa organização, mas de uma

¹² A deputada é responsável pelo projeto de lei que homenageia os integrantes das religiões de matriz africana, instituído como comenda Mãe Doca de mérito religioso, em 2013, foi homenageado Pai Ozias, de Marabá.

Coordenadoria de Igualdade Racial de Marabá, vinculada ao gabinete do prefeito. Ação pública que deve contribuir para a ampliação do debate das relações raciais no sul e sudeste do Pará, a ser implantada neste ano de 2014.

Para finalizar, a descrição, ainda que sucinta deste processo de participação, deixa evidente o processo organizativo praticado pelas religiões de matriz africana, não apenas representada pela Associação, mas pela efetiva ocupação de seus adeptos nos diferentes instrumentos de elaboração de políticas públicas utilizadas em Marabá, constituindo de diferentes formas um processo educativo, que contribui para a realização da cultura como elemento de identidade social, que deve levar a emancipação e a transformação dos processos de discriminação, a qual ainda esta parcela da população brasileira é submetida.

Referências bibliográficas

BRASIL, MEC/SECAD. **Orientações e ações para a Educação das relações étnico-raciais**. Brasília: Secad, 2006.

BRANDÃO, Carlos H (Org.). **Pesquisa participante**. SP: Brasiliense, 1999.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé**. RJ: Pallas Editora, 2012.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

LIMA, Ivan Costa. **As pedagogias do Movimento Negro no Rio de Janeiro e Santa Catarina (1970-2000): implicações teóricas e políticas para a educação brasileira**. Fortaleza, 2009. (Tese de Doutorado/ Universidade Federal do Ceará).

MARTINS, Cynthia C. Prefácio. In: VALLE, Camila (et al.) **Cartografia dos afro religiosos em Belém do Pará**. Religiões afro-brasileiras e ameríndias da Amazônia: afirmando identidades na diversidade. Rio de Janeiro, Brasília: Casa 8, IPHAN, 2012

MEIHY, José C. Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2002

ROMÃO, Jeruse, (Org.). **História da educação dos negros e outras histórias**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília: MEC/SECAD, 2005.

SILVA, Idelma Santiago da. **Migração e cultura no sudeste do Pará: Marabá (1968-1988)**. 188f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História/ Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2006.